

# Apresentação:

## Depois de Paris, o quê?

### Exílio, exotismo e excentricidade na *intelligentsia* latino-americana e suas novas capitais

Leonardo D'Avila<sup>1</sup>

Rodrigo Lopes de Barros<sup>2</sup>

258

Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), observou-se uma série de exílios de artistas e intelectuais para as Américas, bem como uma transformação global nas instituições culturais por todo o mundo. Nesse contexto imediatamente posterior à queda de Paris, ainda é cabível considerar Nova Iorque como o centro de tais transformações? Em outras palavras, é possível insistir em um centro cultural global quando se sabe que países da América Latina, entre eles o Brasil, também abrigaram artistas exilados e, nesse mesmo momento, aprofundavam de maneira inédita relações diplomáticas e intercâmbios culturais com os Estados Unidos? Um olhar mais acurado e aprofundado sobre essas trocas culturais dentro e desde a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial, assim como nos anos seguintes ao conflito, é o tema do dossiê “Depois de

---

1 Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolveu uma série de trabalhos voltados à problemática do modernismo de vertente católica no Brasil. Atualmente é pesquisador do CNPq junto à Universidade Federal de Santa Catarina, na qual investiga a obra de Prudente de Moraes, neto.

2 Doutor em Literatura Hispânica pela Universidade do Texas e trabalha como Professor Assistente de Literatura Latino-americana na Universidade de Boston, EUA. Foi Professor Visitante Assistente de Literatura Brasileira em Harvard em 2015. Publicou vários ensaios sobre Literatura Latino-Americana em revistas e livros do Brasil, EUA e do mundo hispânico. Atualmente faz Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (USP), processo nº 2015/03207-0, Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

Paris, o quê? Exílio, exotismo e excentricidade na *intelligentsia* latino-americana e suas novas capitais”. O título é o mesmo do grupo de trabalho que reuniu diversos pesquisadores de vários países de todas as Américas e da Europa ocorrido na New York University (NYU) entre 20 e 23 de março de 2014 durante o Congresso da Associação Americana de Literatura Comparada (ACLA). Parte das discussões também continuaram no colóquio *The New Barbarians: Brazilian Cultural Criticism After the End of Modernity* [Os Novos Bárbaros: A crítica cultural brasileira depois do fim da modernidade], ocorrido na Boston University (BU), cerca de uma semana após o seminário de Nova Iorque. Nessa segunda leva de debates, composta especialmente por jovens pesquisadores, em sua maioria de origem brasileira, os palestrantes tiveram que responder, além do tema “Depois de Paris”, a um intencionalmente provocativo (numa maneira derivada de Borges) chamado. Chamado esse que tentava (des)locar essa nova geração de críticos culturais dentro de uma certa tradição de se fazer a própria crítica a partir de uma esfera como o Brasil:

As pessoas nascidas após 1979, quando o Brasil se tornava um zumbi a procura do mito da democracia, se encontraram presas num ambiente de violência brutal, cotidiana, e de aventuras intelectuais burocráticas. Elas caminharam pelo deserto da mediocridade política, onde a vida era cada vez mais igualada a estatísticas áridas. Cansadas da divisão entre literatura e crítica. Cansadas da separação entre teoria e vida. Desde tal paisagem, uma geração emerge sustentando novos críticos culturais, escritoras, artistas, tradutoras, editores, marginais, cineastas, e outros nomes de sua preferência. São aquelas que recusam a propaganda do Brasil (como um país em desenvolvimento) em face do genocídio sistemático em execução dentro de suas metrópoles terceiro-mundistas e nas florestas amazônicas. Cansados de Bossa Nova. Cansados de citações de Walter Benjamin ou Deleuze ou Foucault ou Derrida usados para todas as coisas. E talvez ainda mais cansados daqueles que não acreditam neles. O que esses Novos Bárbaros têm a dizer? Com quem desejam romper? Como chegam à sua tábula rasa? Essas são algumas das questões a serem aqui confrontadas. Unam-se a elas e eles nesse tentáculo da vasta e tropical terra arrasada.<sup>3</sup>

Durante o colóquio *New Barbarians*, esteve presente, na

---

<sup>3</sup> Sobre “a democracia como um abuso da estatística”, ver: (BORGES, 1976).

audiência, o historiador Nicolau Sevcenko, então professor de estudos brasileiros na Universidade Harvard, que, ao final da leitura dos trabalhos do dia, proferiu a seguinte fala:

Num sentido muito estratégico, acredito que vocês colocam o ponto exato: em algum momento, algo deu errado. O que deu profundamente errado no contexto brasileiro? Vamos chamar isso de modernidade. Num sentido de que houve um tamanho investimento nessa ideia de modernidade que tudo o que não cabia dentro daquele quadro foi deixado para trás. E, bem, houve muitas coisas que foram, para não dizer que tudo foi deixado para trás. E a sequência que vocês têm daquele ponto em diante é a abolição da escravatura (1888), a república (1889), e a bandeira brasileira [com] “ordem e progresso”, que é a agenda positivista por excelência. Isso é o positivismo no seu ápice. E a ideia, daquele ponto em diante, [era] trazer imigrantes europeus para implantar uma nova disciplina de trabalho que está conectada de agora em diante à industrialização, e não mais à agricultura, e então Getúlio Vargas e sua ditadura promoveram a industrialização através de uma conexão estreita com os EUA e o capitalismo e investimentos americanos, e daí [houve] a ditadura militar, e depois, daquele ponto em diante, Collor e a globalização, Fernando Henrique Cardoso e a globalização, e Lula, [que] incorporou mais e mais pessoas nesse projeto modernizante. Esse tem sido o modo brasileiro dominante de pensamento por mais de um século. O que eu acredito que os Novos Bárbaros trouxeram para pensarmos é: bem, talvez alguma coisa foi deixada para trás, algo extremamente importante. Talvez o que temos em nossa frente agora não é a resposta para as questões que a maioria da população tem que encarar em suas vidas diárias, talvez o que temos visto nas ruas do Brasil atualmente são as pessoas procurando a resposta, e talvez há uma nova geração de cientistas sociais, de críticos de arte e literatura, os Novos Bárbaros, que estão pensando: bem, vamos tomar outra direção, vamos tentar dar um rumo diferente para as coisas, porque, do jeito que está indo, está sempre indo na mesma direção e as pessoas não estão conseguindo o que querem. Este é o sentimento que eu tenho deste encontro e foi algo muito gratificante para mim.

O discurso de Sevcenko faz referência às manifestações de 2013 que ocorreram nas ruas das principais cidades do Brasil e que demandavam transporte público gratuito para a juventude. Aquelas manifestações cresceram exponencialmente em questão de meses, gerando comparações com os eventos do Maio de 68 em Paris, e trazendo novamente para a mesa a discussão de como lidar com as experiências

do antigo centro cultural do mundo, tais como as proposições e práticas da Internacional Situacionista, dentro do contexto atual da América Latina. Pois, enquanto ainda se poderia pensar em Paris como o centro cultural o Ocidente, também não se estranharia a conclusão de que ser um vanguardista na América Latina nada mais consistiria senão na capacidade de se absorver a técnica moderna através de filtros de particularidades locais. Esse exemplo pode ser parcialmente observado em movimentos como *Martín Fierro* ou a *Revista de Antropofagia*. Para Alejo Carpentier, por exemplo, caberia à arte projetar os objetos e as pessoas em um evento de caráter universal para que a cena latino-americana perdesse seu estatuto de excentricidade. Isso se traduziria em uma tentativa de superar o exotismo qualificando essa cena como um problema relevante a uma cultura global. Com a ocupação de Paris, em 1940, esse cenário começa a perder relevância. Mesmo que Nova Iorque, sem qualquer dúvida, tenha sido o maior destino de intelectuais e de artistas europeus exilados, também não se pode deixar de frisar que a cidade não foi o único destino dessa diáspora modernista. Buenos Aires, por exemplo, recebeu personalidades como Roger Caillois, José Ortega y Gasset, e o Rio de Janeiro, Georges Bernanos, Roger Bastide ou Stephan Zweig, apenas para citar alguns casos. Esses e outros exílios demonstram que, após a liberação de Paris, em 1944, já não era mais possível pensar em um centro cultural mundial. Nesse mesmo ano, o exilado Otto Maria Carpeaux começava a escrita, no Brasil, de sua *História da Literatura Ocidental* cujo primeiro volume terminaria já no ano seguinte. Na introdução a essa obra, o autor dá indícios de uma reconfiguração não verticalizada do mundo quando lança uma suspeita de ecletismo sobre sua própria obra, a qual, embora fosse universalista na intenção, não o era quando opunha autores, textos e conceitos de maneira muitas vezes inconclusiva. Acerca dessa questão, Carpeaux admitia: “Todas as sínteses são provisórias” (CARPEAUX, 1978, p. 35).

A queda de Paris coloca em xeque qualquer tentativa de compreensão da América Latina pelas vias tradicionais, como o exotismo ou pelo binômio particularidade-universalidade. Não se trata apenas de reconhecer que, a partir de então, as artes passariam a ser produzidas de maneira não mais autônoma como acontecia anteriormente no mundo imperialista. Em *Políticas Canibais*, o crítico Raul Antelo questiona as ideias de Roberto Schwarz em “Nacional por

subtração” justamente não no sentido de enaltecer os nacionalismos de vanguarda latino-americanos do século XX, que para Schwarz seriam reducionismos de cunho nacionalista. Ao contrário, trata-se de perceber que as literaturas europeias modernas apenas podem ser compreendidas em um mundo plural a exemplo de que a figura do antropófago, muito antes de ser tema de Oswald de Andrade, era de interesse de Michel de Montaigne, entre outros exemplos. Assim, “o canibalismo é a tradução mais acabada daquilo que entendemos por civilização” (ANTELO, 2001, p. 266). Dentro dessa perspectiva não autonomista, a queda de Paris não é lida nesse dossiê como marco histórico, mas como problematização de padrões culturais e sínteses históricas na ciência de que, desde que Jean de Léry ou Pero Vaz de Caminha entram em contato com povos ameríndios, no século XVI, já se pode pensar um mundo em rede, sendo que o verdadeiro reducionismo estaria possivelmente nas próprias críticas de arte ou instituições de saber.

262

A perda de um referencial estético ou político, portanto, acarreta em novas formas de autorrepresentação e intercâmbios culturais. A década de quarenta marcou a urgência de se pensar em um mundo multicêntrico, sendo possível observar, em casos bastante específicos, algumas realizações das teorizações de Mikhail Bakhtin, na década de trinta, acerca do dialogismo cultural, que, alguns anos mais tarde, seriam repensadas por Julia Kristeva enquanto intertextualidade. Os trabalhos realizados a partir do seminário *After Paris, What?*, trazem uma contribuição bastante consistente acerca desses exemplos de trocas culturais que puseram em xeque a visão das vanguardas dos anos vinte na medida em que se viram como coparticipantes de um processo de mudanças nos padrões estéticos em escala global. Eles estavam agora em um mundo sem um centro definido, isto é, excêntrico.

Dentro dessa linha de raciocínio, as investigações de Geoff Schulenberg (New York University), Leonardo D’Avila (Universidade Federal de Santa Catarina), Larisa Colón-Rodríguez (Oberlin College/Universidad de Salamanca), e Sean Manning (University of Texas) problematizam textos literários como pontos de partida para a evidenciação de redes textuais entre Europa, América Anglo-Saxônica e América Latina. Salientam diversas maneiras de deslocamento referencial na recepção de saberes que estavam em voga no Velho

Mundo: isso pôde ser percebido na recepção da psicanálise em Buenos Aires por Oscar Masotta, na redefinição do neotomismo por intelectuais católicos no Brasil e nos Estados Unidos, na supostamente improvável marca do *nouveau roman* francês em Juan José Saer e na radicalização do cubismo, que perde qualquer resquício de abstração para se tornar um ato físico, nos escritos do cubano Lorenzo García Vega.

Alguns trabalhos do dossiê, por sua vez, focam diretamente nas artes plásticas para dar nova vida a contatos que tiveram lugar nas mudanças capitais das décadas de quarenta e cinquenta. Como disse o crítico Jorge Schwartz: “Não há como ‘fatigar’ (expressão de Jorge Luis Borges) as vanguardas históricas sem passar pela prova dos nove das artes plásticas” (SCHWARTZ, 2013, p. 10), e isso também se aplica aos fenômenos artísticos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Diego Cervelin (Universidade Federal de Santa Catarina) problematiza as fotomontagens do poeta Jorge de Lima, que se utiliza da técnica das colagens justamente como uma faculdade de de-capitar uma visão logicista e organicista de arte, abrindo um espaço para se aproximar ao máximo de uma corporalidade. Guilherme Trielli Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais), por sua vez, parte de uma epígrafe de Piet Mondrian sobre a arte não-figurativa, para pensar a reapropriação contemporânea de Paulo Nazareth em suas idas e vindas de norte a sul pelo continente Americano, justamente a vender imagens de excentricidade.

Por fim, Gisele Román Medina (Haverford College) demonstra, através dos ensaios e poemas de Néstor Perlongher, uma entre várias tentativas de redesenhar as fronteiras simbólicas de Buenos Aires como cidade europeia, no caso, a partir de uma imagética caribenha. O espaço urbano também foi tema pensado por Ynaê Lopes dos Santos (Fundação Getúlio Vargas), que faz uma revisão comparada dos estudos sobre escravidão no Rio de Janeiro e em Havana, tidas como capitais da escravidão nas Américas, para demonstrar que até hoje não se chegou a relacionar devidamente a escravidão às dinâmicas urbanas propriamente ditas. Thiago Nicodemo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), por sua vez, problematiza diversas manifestações públicas e obras de arte realizadas entre o Brasil e os Estados Unidos nas quais Cândido Portinari e Gilberto Freyre deixam transparecer, cada um a seu modo, mas com certa analogia com o contexto estadunidense,

representações com traços ufanistas e imperialistas em discursos como o da harmonia racial ou no projeto da criação de uma nova capital para o país.

Nova Iorque / Boston / Florianópolis / São Paulo,  
dezembro de 2016

**REFERÊNCIAS**

ANTELO, Raul. *Transgressão e modernidade*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2001.

BORGES, Jorge Luis. “Entrevista al programa ‘A Fondo’”. Madrid, TVE, 1976.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 2.ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.

SCHWARTZ, Jorge. *Fervor das vanguardas: Arte e literatura na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.